



ESTADOS UNIDOS

Milhares protestam contra Trump e Musk

Mais de mil cidades do país participam da manifestação "Hands Off!" para denunciar a escalada autoritária, os abusos e a gestão do presidente republicano. Manifestantes falam ao **Correio** sobre as motivações para saírem às ruas

» RODRIGO CRAVEIRO

15 dias de completar o terceiro mês de governo, o presidente dos EUA, Donald Trump, enfrentou, ontem, uma onda de protestos em mais de mil cidades do país, incluindo a capital, Washington, e em pequenas localidades. Dezenas de milhares de manifestantes atenderam ao apelo de uma coalizão de mais de 100 movimentos sociais e organizações para saírem às ruas em um ato nacional chamado "Hands Off!" ("Tirem as mãos!"). As manifestações também tiveram como alvo o bilionário Elon Musk — dono da Tesla, da rede social X e da SpaceX que assumiu o Departamento de Eficiência Energética.

Moradora de Alexandria, no estado da Virgínia, a bibliotecária aposentada Marlene Koenig, 70 anos, decidiu viajar até Washington para defender a Constituição americana, acompanhada da amiga Susan. No National Mall, a poucos quarteirões da Casa Branca, uma enorme faixa replicava o nome do protesto nacional, em meio a cartazes com frases como "Não é meu presidente!", "O fascismo chegou!", "Parem o mal!" e "Tirem suas mãos da nossa Segurança Social". "Creio na promessa da nossa Carta Magna, no sistema de freios e contrapesos. O criminoso condenado não tem interesse na democracia. Ele e seu culto querem destruir o nosso país, maus e cruéis", disse Marlene ao **Correio**, em menção indireta a Trump.

Ela destacou que os EUA são uma nação de imigrantes, que tem a diversidade como marca registrada. "Tentar apagar as conquistas e mulheres e não brancos é horrível. Trump nomeou pessoas desqualificadas para os cargos. Sua meta é destruir nossas instituições. É horroroso ver como veteranos, minorias, idosos e mulheres estão sob ataque. Vivemos sob censura."

Após protestar também em Washington, Mai El-Sadany, 35, advogada dos direitos humanos, admitiu ao **Correio** que Trump está "atacando o Estado de Direito". "Ele tem removido os direitos dos mais vulneráveis e tornado os EUA menos prósperos e menos seguros.

Joseph Prezioso/AFP



Multidão no centro de Boston, em Massachusetts: "Não seremos silenciados" e "A lei é o rei; Trump, não"

É importante que as pessoas se unam contra isso. Penso ser essencial mandar uma mensagem clara de que isso é inaceitável."

A enfermeira Vicki Robinson, 58, manifestou-se em Baltimore (Maryland), a 96km ao norte de Washington. "A atmosfera do protesto foi positiva, mas irritada com tudo o que está acontecendo no país. São pessoas que não gostam de ver seus direitos serem retirados", afirmou à reportagem, por meio da rede social X. "Decidi participar porque Trump e Musk estão destruindo o nosso país. Estão cercando nossas liberdades e provocando caos e destruição da nossa economia." Robinson disse esperar que mais pessoas protestem, pacificamente, e que os congressistas "retomem o seu poder". "Trump acredita que tudo o que diz é lei e que não precisa respeitar nossa legislação e nossos juízes."

Enriquecimento

A 640km a nordeste, em Boston (Massachusetts), o consultor Dave Cavell, 41, decidiu protestar por acreditar que Trump vê a presidência como um caminho para se enriquecer. "E tudo às nossas custas, enquanto ataca a nossa democracia, nossas economias para a aposentadoria e nosso sistema de saúde. Ele libertou centenas de insurrecionistas de 6 de janeiro. Também nomeou lunáticos para cada departamento do governo", disse à reportagem. Cavell lembrou que agentes federais estão "pegando pessoas nas ruas e as enviando para celas de tortura". "Trump está do lado da Rússia contra nossos aliados democráticos. Ele destrói a nossa economia com tarifas estúpidas."

Professor de história e de política social da Universidade de Harvard, Alex Keyssar explicou ao

Correio que o protesto "Hands Off!" representa uma coalizão de diferentes grupos que estão irritados com Trump. "As pessoas se mostram chateadas com os cortes nos postos do funcionalismo público, no atendimento à saúde, na ciência, no tratamento aos veteranos e com deportações de imigrantes. Muitos grupos sociais sentem que perderam proteções legais contra a discriminação", observou.

Keyssar avalia que Trump tenta consolidar muito poder no Executivo, excluindo o Congresso e várias agências conjuntas criadas ao longo de um século. "Ele tem testado o Judiciário, ameaçando implicitamente não cumprir com as decisões dos tribunais", advertiu. O especialista de Harvard entende que, caso os EUA entrem em uma "possível" recessão, Trump se tornará cada vez mais impopular e começará a perder apoio no Congresso.

Joseph Prezioso/AFP



Manifestante fantasiado de Estátua da Liberdade, também em Boston

Roberto Schmidt/AFP



Cartaz com a frase "Idiotas estão governando os EUA", em Washington

Eu estava lá

"Trump não está seguindo as leis e juízes. Ele não está permitindo o devido processo para imigrantes. Musk está demitindo pessoas e fechando programas e escritórios governamentais sem aprovação do Congresso. A guerra tarifária não permite o devido processo legal e ameaça a Segurança Social."

Vicki Robinson, 58 anos, enfermeira, saiu às ruas em Baltimore (Maryland)

Fotos: Arquivo pessoal



"As pessoas estão horrorizadas com o que está acontecendo com nosso país, mas há conforto na comunidade e na solidariedade. Hoje, provamos que não estamos sozinhos, e muitos outros sentem o mesmo. Os americanos não gostam quando suas contas bancárias são destruídas e os preços dos mantimentos dispararam, enquanto Trump joga golfe na Flórida e destrói a Constituição."

Marlene Koenig, 70 anos, aposentada, protestou em Washington D.C.



Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

PATOLOGIA TRIBUTÁRIA MUNDIAL

Não se deveria dar às crianças, nem aos governos, brinquedos ou poder superiores à contrariedade que provocam. Taxar a sociedade acima da capacidade de pagamento, para sustentar o Estado, abaixo de sua capacidade de oferecer satisfação aos cidadãos, é o maior contrassenso de nossa época.

As instituições e os pressupostos que sustentaram a globalização por décadas estão cedendo sob o peso da fadiga de transformação e das cotoveladas geopolíticas entre atores poderosos que circulam dentro e em torno do Estado. Tudo o que vemos em vias de ser desmanchado

ocorre por conta tanto dos sucessos quanto das decepções da globalização que experimentamos nas últimas várias décadas. As contradições parecem ser mesmo o motor da história.

Para o bem e para o mal, nem sempre ganhar uma eleição é saber exatamente o que fazer enquanto governa. Os líderes, agora, veem-se diante de um self-service de crises: uma inflação que não vai embora num mundo em que as economias se contatam umas às outras; políticas industriais envolvidas sob o manto nacionalista, e que se cancelam, quando praticadas por todos; e populismos chacoalhando as estruturas dos parlamentos de Nova Délhi a Washington. Com frequência, conquistar uma eleição pode ser comparado a receber um restaurante de renome apenas para perceber que o fogão está em chamas, a geladeira, vazia, e parte

dos funcionários e fregueses resolveu ir para a oposição.

Governos ao redor do mundo estão apostando na lógica do protecionismo industrial como estratégias para garantir uma almejada "soberania econômica" — um termo que soa nobre, até o momento em que se percebe que, principalmente entre os países desenvolvidos, ele vem junto com o risco de pôr gasolina no fogo da inflação, bem como da constatação de que a autossuficiência plena até pode ser atingida, mas que tal vida em autarquia, separada do restante do mundo, sempre será mais limitada do que aquela viabilizada por boas parcerias internacionais.

O protecionismo industrial e a política tarifária, tão em voga nos Estados Unidos, não se aplicam aos países desenvolvidos. Nos países pobres, o protecionismo pode ajudar a reduzir a desigualdade abissal entre as

nações; mas aquele dos países ricos só contribuiu para criar vizinhos pobres.

Enquanto isso, a globalização não morreu. Países fragmentam suas cadeias de suprimentos em "parceiros estratégicos" e "setores sensíveis", como se estivessem organizando compras de supermercado por orientação ideológica e geopolítica. A ascensão das chamadas "economias conectadas" (vem aqui à mente México, Vietnã, Índia, Turquia — e, se formos hábeis, cada vez mais o Brasil) ilustra essa nova complexidade: eles são os descolados que todo mundo quer na sua festa particular, mas em quem ninguém confia plenamente.

No front demográfico, estamos envelhecendo de maneira desigual e instável. Nos países do Norte Global, os sistemas de pensão não mais aguentam a pressão de eleitorados cada vez mais grisalhos, enquanto nas regiões mais

jovens cresce a frustração com a falta de empregos ou com a precariedade do trabalho existente. O paradoxo? Fica cada vez mais evidente que muitos países precisam de imigrantes para sustentar suas economias e ajudar no cuidado da própria população envelhecida, mas são justamente eles que erguem os maiores muros para impedir sua entrada.

E quanto ao clima? A contradição é igualmente nítida. A tecnologia verde é o objetivo do momento. Alguns países investem bilhões em renováveis, enquanto, simultaneamente, aprovam novos projetos de extração de petróleo. A contradição aqui não é hipocrisia — é sobrevivência política. No caso do Brasil, que ainda precisa tirar milhões da pobreza, trata-se de pragmatismo. Os eleitores querem ar mais limpo, mas também energia mais barata. E, assim, os governos dançam entre metas de

sustentabilidade e competitividade econômica.

E, então, chegamos à soberania digital. Países mais hábeis agora tratam dados como commodities preciosas — estratégias não armazenáveis em servidores que não contribuirão para ganhos socioeconômicos simétricos naqueles mesmos países. Com o boom da IA e os semicondutores tendo valor de face quase que como de moedas de grande monta, os riscos aumentam e chegam a novas áreas. A internet, antes utopia sem fronteiras, agora, é cada vez mais um arquipélago de ilhas muradas e guardadas por portões biométricos.

Em suma, o mundo de 2025 se parece com um tabuleiro de jogo no qual as regras mudam, os dados são viciados e o banqueiro talvez vá quebrar. Tornar o imposto uma doença não cura ninguém.

PAULO DELGADO, sociólogo